

Resumo do artigo

TURISMO: INTERCÂMBIO CULTURAL OU IMPOSIÇÃO DE MODELO ?

*O Turismo pode proporcionar enorme intercâmbio cultural entre os povos, mas deve ser planejado de tal forma que não fique exclusivamente a cargo das classes dominantes a imposição de seus **projetos**. As comunidades incluídas nos roteiros turísticos devem ser consultadas, para que o seu folclore e as suas festas tradicionais se mantenham nas datas e formas originais. Bom-senso e planejamento são exigidos quando se queira formar ou incentivar um fluxo turístico. Os turistas precisam entrar em contacto apenas com povos e civilizações que não se **deterioraram** em seus usos e costumes, porque é condenável modificar os hábitos de povoados ou cidades, visando exclusivamente aumentar o fluxo turístico para a obtenção de rendas.*

TURISMO: INTERCÂMBIO CULTURAL OU IMPOSIÇÃO DE MODELO?

Margarita Barretto

Uma das características que definem o Turismo é a de possibilitar o intercâmbio cultural entre os povos, os visitantes e os visitados. Isto, que sem dúvida é uma afirmação verdadeira dentro de um contexto europeu, onde não há grandes diferenças de classes, está revestido de algumas nuances no contexto do mundo subdesenvolvido, devido justamente à existência de definidos contrastes sociais. Este choque entre pobreza e riqueza em que o Terceiro Mundo vive submerso, dá ao Turismo, dentro desses países, características próprias e que não devem ser deixadas de lado. Daí o **porquê** de não podermos simplesmente copiar os modelos europeus e/ou norte-americanos para promover o Turismo.

Nos países subdesenvolvidos, por via de regra, o rico viaja e quem fica, é o pobre. Na sua maioria, os núcleos receptores de turistas são pacatos povoados ou cidades pequenas que, por alguma razão geográfica, climática ou histórica, se converteram em pontos de interesse turístico. Tomemos, como exemplo ilustrativo a América Latina, com Machu-Pichu, Puerto Iguazu, as praias da costa brasileira (excetuando Santos) e as capitais dos Estados. Apesar do efeito multiplicador que o Turismo teve e tem na economia dessas cidades, em contrapartida, os núcleos pequenos, que poderíamos chamar de **primitivos**, sofreram uma grande descaracterização.

Costumes dos povos são modificados

De um lado, o folclore aos poucos vai perdendo sua autenticidade tornando-se cada vez mais, um espetáculo montado para turistas e de outro, as festas tradicionais têm suas datas mudadas em função do afluxo de turistas. Por outra parte, os próprios costumes do povo não raro são modificados, às vezes, com o consenso unânime e em outras, arbitraria-

mente. Eis o quadro da aculturação. É por isso que, muitas vezes, o Turismo pode ter efeitos negativos sobre uma população. A falta de planejamento e de bom-senso, muitas vezes provoca tensões em determinada sociedade, que são geradas no querer e não poder, que têm causa na própria estrutura econômica do sistema.

O Turismo, em função de seu serviço social é fator de integração entre os povos e, o mais belo que pode oferecer, é a oportunidade de um relacionamento com as pessoas, para melhor conhecê-las. Esse aspecto, todavia, é muitas vezes esquecido. Daí termos reservas indígenas, com os seus integrantes **em exposição**, para deleite dos turistas.

Quando só se pensa unilateralmente, as classes dirigentes impõem os seus modelos sem quaisquer restrições e podem até causar prejuízos ao que o país tenha de belo ou notável. A decisão de se construir um complexo turístico ou uma rodovia em regiões habitadas por caiçaras, é impor aos **dominados**, novas modas, padrões ou mesmo objetos.

O ser humano deve ser envolvido nos planejamentos

Aparece então o grande conflito. Leva-se até a porta do pobre o luxo de que desfrutam os ricos. Mas só até a porta e não para entrar-lhe em casa. Transmite-se aos jovens um código moral a que devem obedecer, se quiserem relacionar-se com os turistas. Essas normas não serão depois aceitas pela sociedade conservadora à qual pertencem e onde deverão continuar depois que os visitantes partirem. Estes conflitos são um perigo e resultam do fato de esquecermos que não é só em função do turista e do Turismo como fonte de rendas que se faz um planejamento. Devemos ter sempre presente que, no processo, está envolvido outro ser humano, ou seja, o habitante do pólo receptor.

Não se pode, de forma nenhuma, mostrar ostensivamente os maiores avanços da tecnologia e da nossa civilização a povos que vivem na pobreza e vítimas da desnutrição. Não se deve — repetimos — violentar os seres humanos pertencentes a um núcleo, invadindo-os e modificando-lhes o modo de vida, levando-lhes um progresso que não pediram. São os planejadores, os encarregados de ver exatamente em que ponto acaba o intercâmbio cultural, e começa a imposição do modelo da classe dominante. E a forma de equilibrar este relacionamento não é muito fácil. Entendemos ser condenável isolar o turista e proibi-lo de entrar em contato com o povo, fórmula adotada por certos regimes políticos. Todavia, ao mesmo tempo, deve-se preservar essas comunidades.

Conciliar os contrastes

A solução para o problema está ainda longe de ser definida. Parece claro, porém, que qualquer população deve ser consultada, antes de

ser convertida pelos planejadores, em um núcleo receptor. Nem sempre o modelo idealizado estará de acordo com as aspirações desses núcleos o que não quer dizer esteja tudo acabado. Sempre pode ser estudado outro plano em conjunto com eles, pois importante é, conseguir criar **com** o povo e não **sobre** ele. A nossa realidade de mundo subdesenvolvido é, sem dúvida, mais difícil de manejar, e a forma de conciliar os contrastes constitui, sem dúvida, um problema sério. A questão está aberta para a reflexão.